

## HOMOAFETIVIDADE NO CONTO ‘TERÇA-FEIRA GORDA’ DE CAIO FERNANDO ABREU

Rosembergh da Silva Alves<sup>1</sup>; Vilani Maria de Pádua<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Aluno da Graduação em Letras, Faculdade Frassinetti do Recife - FAFIRE, rosemberghalves@bol.com.br;

<sup>4</sup>Professora da Graduação em Letras, Faculdade Frassinetti do Recife - FAFIRE, vivipadua@hotmail.com

**Resumo:** Este artigo é resultado de uma pesquisa do Núcleo de Pesquisa e Iniciação Científica - NUPIC, desenvolvida no curso de graduação em Letras da Faculdade Frassinetti - FAFIRE, e visa problematizar, por meio da análise de ‘Terça-feira gorda’, questões de repressão e poder, homoerotismo, homoafetividade e homofobia através da violência física e moral que ocorrem no conto, publicados na coletânea *Morangos mofados*. Demonstrando assim, por meio da perspectiva *queer* como Caio Fernando Abreu utiliza elementos da literatura gay contemporânea para problematizar e refletir sobre os indivíduos homoeróticos e homoafetivos. Nesta perspectiva, “Terça-feira gorda” denuncia um lado hipócrita, conservador e repressor da sociedade, em que o “mofo” é o elemento degradante que demonstra o caráter opressor, intolerante e violento do contexto social. No entanto, não nos propomos esgotar o tema, mas apresentar uma contribuição de leitura por meio de abordagens da teoria *queer* da obra em foco, diante de tantas outras leituras, que foram feitas sobre a questão do homoerotismo e da homoafetividade como temáticas, nas obras do escritor, em especial no conto que contemplamos no *corpus* desta pesquisa.

**Palavras-chave:** Homoafetividade, Homoerotismo, Conto, Caio Fernando Abreu.

### Introdução

A temática homoerótica e a homoafetividade envolvendo as personagens principais são os eixos centrais das narrativas, mas especificamente dos contos do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu. Através de suas personagens, este autor retrata os últimos vinte anos do século XX e os últimos anos de ditadura, com a pretensão de denunciar e desmascarar a repressão sofrida durante o regime militar no Brasil, o conservadorismo, o preconceito e a intolerância da sociedade contemporânea frente aos indivíduos homoeróticos que apareciam timidamente na literatura brasileira clássica do século XIX e início do século XX, e que através da literatura *queer*, começam a tomar espaço nos cânones acadêmicos e na sociedade em geral.

O homoerotismo e a homoafetividade na literatura buscam desmistificar a homossexualidade da visão homofóbica de revelar o cotidiano e as práticas sexuais dos indivíduos *queer*, considerados ‘diferentes’, ‘doentes’, ‘perversos’ e ‘invertidos’ (BONNICI; ZOLIN, 2009). Assim, o que se busca realmente com essa literatura ainda considerada marginalizada é discutir e refletir a experiência contemporânea do que vulgarmente se chama ‘sair do armário’, o que vem a ser realmente a construção ou a formação identitária e de gênero, exercício de cidadania numa sociedade repressora e sexista ante o surgimento da militância gay. Dessa forma, os autores desta literatura se colocam na tentativa de construir uma

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

identidade para os personagens das narrativas, a partir de uma autoafirmação social da identidade gay, que luta contra a rejeição e o preconceito sociohistoricamente imbuído nos indivíduos considerados ‘diferentes’ (FERREIRA-JÚNIOR; BORA, 2010).

Este artigo visa problematizar, por meio da análise de “Terça-feira gorda”, questões de repressão e poder, homoerotismo, homoafetividade e homofobia através da violência física e moral que ocorrem no conto, publicado na coletânea *Morangos mofados*, de 1982, demonstrando por meio de abordagens da teoria *queer* como Caio Fernando Abreu utiliza elementos da literatura gay contemporânea para problematizar e refletir sobre os indivíduos homoeróticos e homoafetivos. Os contatos amorosos são referências para questionar e analisar histórias que, dentro do contexto social, ilustram modos de convivência e esboça os amores “imperfeitos” regrados pelo poder falocêntrico e heteronormativo, tomando de empréstimo discursos que o *queer* visa para desconstruir categorias de gênero e de diversidades sexual aprisionadas por significados que rotulam e normalizam os relacionamentos homoafetivos, sendo estes muito bem representados e alegorizados nas narrativas do autor. Apesar do texto do autor contemplado em nosso trabalho receber o rótulo imposto pelos críticos de literatura gay devido à abordagem temática do homoerotismo, e também pela sua vivência enquanto homossexual, essa classificação que marcava a sua obra era recusada por ele (FERNANDES, 2012).

Pela análise de sua narrativa, Abreu ambiciona desafiar as convenções consideradas corretas pela sociedade, em que os indivíduos *queer* buscam relacionar-se livremente com seus parceiros, e com isso coloca-nos frente aos preconceitos e a nossos próprios tabus. Estes homens praticam sexo com outros homens, ou simplesmente se desejam afetivamente, mantendo um relacionamento por vezes inseguro, por vezes violento, com desconhecidos principalmente. Havendo a preocupação em demonstrar ou dizer da concordância mútua dos parceiros sexuais e amorosos e na liberdade dos acordos, e as narrativas percorrem através do pano de fundo da insistência nos poderes de normatividade sexual.

## **O conto**

As personagens homoafetivas no conto “Terça-feira gorda” são reprimidos e oprimidos de forma individual e coletivamente, por demonstrarem fragilidade e liberdade frente à sociedade repressora e homofóbica, e este comportamento não os impediu de sofrerem punições e passarem pelo julgamento em todos os momentos das narrativas e sob todos os aspectos de violência, poder e repressão social.

A representação do homoerotismo na ficção contemporânea tem dado amostras de enunciar os desejos sexuais excludentes e denunciar o preconceito explícito contra os indivíduos *queer*. O homoerotismo na obra de Abreu vem confirmar que a produção literária do autor é uma referência ao preconceito, à discriminação e à violência homofóbica, simplesmente porque sujeitos *queer* ousam expressar e expor ao público seus desejos, sua identidade e sua sexualidade. De tal forma que as experiências homoafetivas e ou homoeróticas, assim como os ritos de envolvimento afetivo e sexual são balizadas, muitas vezes, pela presença constante da violência (GARCÍA, 2013).

A leitura da obra de Abreu evidencia a observação de Guacira Lopes Louro (2001) sobre o questionamento sociopolítico e cultural das últimas décadas do século XX realizado pelos movimentos, grupos sociais e indivíduos considerados minorias em busca de espaço para a formação e veiculação de suas identidades. Algumas personagens de Caio Fernando Abreu estão em busca de uma formação ou construção identitária sob a perspectiva *queer* e já outras, não têm medo de se assumir diante da heteronormatividade e enfrentam a sociedade, denunciando a homofobia, por isso, às vezes são vítimas de violência física e moral, sofrendo todo o tipo de discriminação e preconceito por se identificarem como homossexuais ou sujeitos homoafetivos.

O autor de *Morangos mofados* (1982), dentre outros contos, romances e crônicas, marcou sua escrita pela utilização de temas e de estilo que, como coloca Marcelo Bessa (2006) o levou a ser considerado um escritor mal visto por parte da crítica literária e do cânone acadêmico sobre a recepção de sua obra. Caio F. Abreu, como assinava suas obras, utiliza duas fortes armas que transmitem força e vivacidade a sua narrativa, o lirismo de sua linguagem e a competente seleção de imagens sensoriais. Sua linguagem audaciosa e em alguns momentos crua e agressiva, projetam seus personagens socialmente excluídos para além da margem, ocupando lugar de destaque na narrativa, como protagonistas e núcleo das ações. Sua narrativa contística é veloz, porém carregada de detalhes nas ações e repleta de artifícios e recursos, como metáforas e hiatos deixados pelo autor com a finalidade de ativar o fluxo de consciência dos leitores, facilitam a relação de análise, compreensão e interpretação de suas obras.

O homoerotismo presente na obra de Abreu expõe a intolerância dos valores heteronormativos e retrata o descaso em relação às minorias. Segundo Porto (2005), o escritor de “Terça-feira gorda” aborda a temática da sexualidade e do homoerotismo e conduz o leitor a uma reflexão sobre valores morais e culturais legitimados num espaço em que o indivíduo *queer* passa a não ter aceitação, tornando-se um sujeito marginalizado. Ainda sobre este

fato, Chauí (1998) afirma que na sociedade brasileira, a moralização do sexo é estabelecida e condicionada pela família e pelo trabalho, controlados e regulados pela sociedade. A repressão e o controle sexual se enquadram como um conjunto de restrições e imposições que têm como finalidade obter e conservar a dominação através de um fenômeno sociopolítico e cultural.

Diante desta realidade as narrativas desse escritor permitem que o indivíduo reprimido e oprimido se questione a respeito da sua condição de ser e estar no mundo, enquanto sujeito consciente dos padrões heteronormativos pré-estabelecidos e o que deve adotar e seguir no seu cotidiano para conviver e ser aceito numa sociedade heterocêntrica. No que concerne a essa questão, Leal (2002), define este sujeito *queer*, como um indivíduo a margem do mundo tradicional, heterossexual, religioso e de *status* social.

Ante dessas considerações a respeito do escritor gaúcho e da sua escrita, surge assim, a necessidade de resgatar neste estudo um pouco de sua contística que expressa, relata e retrata com sensibilidade, veracidade e sofisticação, as experiências de personagens homoeróticos masculinos, que se encontram no grupo dos marginalizados nessa sociedade ocidental patriarcal e heteronormativa, reforçando o aspecto de busca identitária sob a perspectiva *queer*, propondo um olhar reflexivo sobre uma sexualidade plástica em construção, descentralizada e que foge a normatividade imposta (GIDDENS, 1993).

Guacira Lopes Louro (2015, p. 7-8) diz que,

*Queer* é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. *Queer* é, também, o sujeito da sexualidade desviante –homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *drags*. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível. *Queer* é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina.

Sob esta perspectiva, Caio Fernando Abreu adota uma postura ideológica anticonservadora que dá voz aos marginalizados representados por personagens homossexuais ou em formação identitária que vêm, não para discutir a prática da homossexualidade, mas sim para problematizar e fazer refletir sobre a sexualidade “diferente” inserida numa sociedade mascarada, repressora e preconceituosa. Diante dessa perspectiva *queer*, partimos para a análise do conto “Terça-feira gorda”, procurando analisar como a repressão sexual, o preconceito, a intolerância e a homofobia individual e coletiva, são representados através de indivíduos com seus desejos homoeróticos e homoafetivos que encaram a vida de maneiras distintas.

A coletânea *Morangos mofados* é o retrato de um período histórico-cronológico da sociedade brasileira traçado através de contos

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

reunidos em epígrafes e momentos distintos, que, no entanto, só foram publicados no momento de abertura política no Brasil, já no final da ditadura militar. É nessa época que aquela geração iniciada após o golpe de 1964 encontra seu clímax e coloca no papel as suas inquietações, repúdios sociopolíticos e histórias de conquistas. Assim, astrologia e cocaína, poesia e delírio, tango e *rock'n'roll*, adolescentes, comunistas, loucos, ciganos, psicanalistas, *hippies* e homossexuais – entre mofo e morango – esses elementos se mesclam e propiciam uma avaliação do referido momento histórico (BESSA, 2006).

### “Terça-feira gorda”

“Terça-feira gorda”, um dos contos de Caio Fernando Abreu mais conhecido pelo público e pela crítica literária brasileira, explora o tema da homoafetividade através de uma narrativa erótica com delicadeza poética, vinculada principalmente na forma como retrata a sensualidade dos corpos mantendo uma relação intrínseca aos elementos fluidos de uma praia, local onde a história é ambientada, por meio de uma narrativa motivadora de novos olhares sobre o espaço reservado ao corpo homoerótico e seus desejos. Assim como em outros contos do escritor, em ‘Terça-Feira Gorda’ há uma crítica social em relação ao preconceito e à repressão sexual das personagens homossexuais. O referido conto está inserido na primeira parte de *Morangos mofados*, “o mofo”, que remete ao caráter mais negativo do livro, e sugere pela temática dos contos, uma crítica social, uma estratégia usada pelo autor que traz uma metáfora para a putrefação e a decomposição dos morangos, anteriormente viçosos, frescos, maduros e o ranço e o mascaramento da maior parte da sociedade, em que muitos indivíduos usam da hipocrisia para encobrir e disfarçar seu caráter preconceituoso, violento e opressor, enquanto outros indivíduos, que têm coragem de se exporem, são vítimas de ações preconceituosas, violentas e repugnantes. O “mofo” designa aquilo que, apesar de maduro, não pode ser colhido, tratando-se, pois, da vida envelhecida, do sonho desperdiçado e dos relacionamentos dilacerados.

Recorrente nas obras de Abreu, a temática homoafetiva, se faz presente, também, aqui. “Terça-Feira gorda” conta a história do narrador e, também, protagonista, que, em pleno carnaval, estabelece um jogo de sedução com outro homem e, em meio a bebidas e drogas, os dois decidem concretizar essa atração na praia, local onde, mais tarde, serão vítimas de uma agressão física praticada por pessoas que não admitem o envolvimento homoafetivo. A agressão culmina na morte brutal, por espancamento, do parceiro do narrador. Nesta perspectiva, “Terça-Feira gorda” está denunciando um lado hipócrita, conservador e repressor da

sociedade, em que o “mofo” é o elemento degradante que demonstra o caráter opressor, intolerante e violento do contexto social.

É então nesta dimensão da crítica comportamental e da norma heterossexista, na denúncia dos mecanismos de poder presentes no cotidiano e na intimidade, que a contracultura se coloca como expressão fundamental de crítica à autoridade em seu sentido amplo: ao paradigma masculino, branco, ocidental, heterossexual. Esta forma distinta de reivindicação, que marcaria os anos de chumbo da ditadura militar, produziu no Brasil a mesma explosão de comoções e emoções ao tratar das minorias, do movimento LGBT, estudantil, feminista, negro, das forças étnicas, regionalismos e, outros grupos sociais. Tais reivindicações não se enquadravam ao modelo marxista, nem ao rótulo de “luta de classes”, mas permitiram uma nova visão da liberdade, das possibilidades humanas e abriram frente para as formações de novos processos identitários (KRÜGER, 2010), como nos sujeitos homoeróticos e homoafetivos.

Como enredo, o conto descreve uma história fugaz de paixão, atração carnal e frustração entre dois homens que se conhecem na última noite de Carnaval e logo se sentem atraídos um pelo outro, sendo tomados por um desejo sexual incontrolável que supera até mesmo a necessidade de saberem o nome, profissão ou idade um do outro, ou seja, conhecerem a identidade um do outro, segundo as convenções sociais.

“Eu queria aquele corpo de homem sambando suado bonito ali na minha frente. Quero você, ele disse. Eu disse quero você também. Mas quero agora já neste instante imediato, ele disse e eu repeti quase ao mesmo tempo também, também eu quero. Sorriu mais largo, uns dentes claros. Passou a mão pela minha barriga. Passei a mão pela barriga dele. Apertou, apertamos. As nossas carnes duras tinham pêlos na superfície e músculos sob as peles morenas de sol [...]” (ABREU, 2005, p. 57).

Merece atenção nessa passagem do conto a valorização do corpo que está em comunhão com a perspectiva da teoria *queer*. O indivíduo *queer* contempla todo o corpo, procurando extrair dele novas experiências de erotização (PORTER, 1992). No trecho destacado, o olhar do narrador-personagem reúne detalhes que se centram na sensualidade da outra protagonista. O que eles almejam de fato é o contato físico o mais rápido possível para que possam, assim, saciar a sede de desfrutar do prazer oferecido pelo corpo do outro, em um momento de amor e paixão, que seria curto, porém intenso e marcado pela comunicação através de gestos e olhares, funções e realizações que também despertaram a reação dos que consideraram aquela cena como algo monstruoso e abominável e que, como tal, deveria ser repellido e penalizado, como no trecho “[...] Ai-ai, alguém falou em falsete,

olha as loucas, e foi embora. Em volta, olhavam” (ABREU, 2005, p. 57). Com esse intuito, *queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira ser modelo ou referência, o indivíduo *queer* desafia as normas regulatórias da sociedade, assumindo o desconforto da ambiguidade, no entanto, sem querer ser o centro das atenções. Contudo, o sujeito *queer* representa um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e ao mesmo tempo, fascina (LOURO, 2015).

Utilizando da perspectiva do narrador em primeira pessoa, chama a atenção desde o início do conto a função dos líquidos corporais misturados aos fluidos do ambiente e outros degustados pelas personagens. Este simbolismo metafórico se faz notar no reforço aos estímulos e sensações condizentes com o espírito do Carnaval, festividade profana, e de entidades religiosas, quanto no estabelecimento da identificação e contato entre os indivíduos homoeróticos, como se verifica no início do conto:

"De repente ele começou a sambar bonito e veio vindo para mim. Me olhava nos olhos quase sorrindo, [...] pedindo confirmação. Confirmei, quase sorrindo também, a boca gosmenta de tanta cerveja morna, vodca com coca-cola, uísque nacional, [...]. Usava uma tanga vermelha e branca, Xangô, pensei, lansã com purpurina na cara, Oxaguiã segurando a espada no braço levantado, Ogum Beira-Mar sambando bonito e bandido. Um movimento que descia feito onda dos quadris pelas coxas, até os pés, ondulado, então olhava para baixo e o movimento subia outra vez, onda ao contrário, voltando pela cintura até os ombros. Era então que sacudia a cabeça olhando para mim, cada vez mais perto. Eu estava todo suado. Todos estavam suados, mas eu não via mais ninguém além dele [...]" (ABREU, 2005, p. 56).

A observância detalhada dos movimentos corporais e das diferentes partes do corpo, “quadris”, “coxas”, “pés”, “cintura”, “ombros”, como zonas erógenas de prazer e atração estão em consonância com o ritmo e o significado da festa carnavalesca, e sugere, além de uma imagem que se filia ao ato sexual, uma perspectiva *queer* de quebra das normas estimuladas pelo modelo heteronormativo (SILVA, 2015). Contudo, os próprios indivíduos *queer* estão empenhados na produção do gênero e da sexualidade em seus corpos, porém, esse processo não é feito ao acaso. Embora participantes ativos dessa construção, os sujeitos não a exercitam livres de constrangimentos (LOURO, 2015), situações estas, verificadas nesta narrativa de Abreu, em que as personagens são submetidas inicialmente após demonstrações de afeto, carinho e desejo, a coações e comentários homofóbicos.

O fato do autor de não nomear as protagonistas apresenta uma possível intenção de tentar homogeneizar os indivíduos no grupo social e apresentar uma não identificação até por causa da censura e do constrangimento, uma vez que é o próprio homoerotismo que passa a identificá-los, diante dos demais, as personagens *queer*, que, assim, são nomeadas como “veados, bichas, loucas” (COSTA, 2008). O

*queer*, conforme se verifica no conto, rejeita as definições fixas de sexualidade elaboradas pela sociedade heteronormativa. Isso significa que há uma subversão do projeto que elege a relação homem-mulher como a unicamente autêntica e aceitável. O *queer*, nesse sentido, rompe com o projeto heterossexista autoritário e excludente e promove uma nova visão para com personagens homoafetivos e “Terça-feira gorda” assegura tais pressupostos na medida em que o desejo, a atração física e sua realização na culminância do ato sexual são estimulados por indivíduos de mesmo sexo. Neste contexto, segundo Louro (2015) a matriz heterossexual vem delimitar os padrões a serem seguidos e paradoxalmente, fornece munição para as transgressões, em que os corpos rompem as regras de gênero e sexuais e subvertem as práticas e discursos heterossexistas.

Segundo Silva (2015) a utilização do narrador em primeira pessoa destaca a preocupação de Caio Fernando Abreu em levar o seu leitor a se sentir parte integrante dos acontecimentos que se desenrolam, despertando nele um sentimento de participação, revolta, culpa ou medo. O narrador-personagem envolve o leitor de tal maneira que este quando cai em si se vê entregue àquela atmosfera que pode ser tanto de desejo e prazer quanto de revolta e dor, e é justamente isso que ocorre no caso da narrativa de “Terça-feira gorda”.

Sobre o narrador em primeira pessoa, Franco Junior (2000) declara que a escolha de um narrador-protagonista neste conto confere sinceridade e valor de verdade ao fato narrado e seus detalhes e funciona como estratégia de construção de empatia e proximidade com o leitor, em que o conto convida o leitor a partilhar da dor e da experiência de violência física e moral vivida, que registra o fascínio da sedução e do jogo erótico e afetivo, além do horror e da crueldade marcada pela intolerância, pela covardia, pelo desrespeito e pela homofobia social demonstrados no final do conto, conquistando o leitor pela pungência, realismo, indignação e comoção, culminando na morte de uma das protagonistas relatada de forma tão crua e poética pelo narrador-protagonista que conseguiu fugir e sobreviveu ao ataque homofóbico, clímax de tensão violência e horror:

“Mas vieram vindo, então, e eram muitos. Foge, gritei, estendendo o braço. [...] O pontapé nas costas fez com que me levantasse. Ele ficou no chão. Estavam todos em volta. Ai- ai, gritavam, olha as loucas. Olhando para baixo, vi os olhos dele muito abertos e sem nenhuma culpa entre as outras caras dos homens. A boca molhada afundando no meio duma massa escura, o brilho de um dente caído na areia. Quis tomá-lo pela mão, protegê-lo com meu corpo, mas sem querer estava sozinho e nu correndo pela areia molhada, os outros todos em volta, muito próximos. Fechando os olhos então, [...] eu conseguia ver três imagens se sobrepondo. Primeiro o corpo suado dele, sambando, vindo em minha direção. Depois as Plêiades, feito uma raquete de tênis

suspensa  
no céu lá

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

em cima. E finalmente a queda lenta de um figo muito maduro, até esborrachar-se contra o chão em mil pedaços sangrentos” (ABREU, 2005, p. 59).

Essa repressão desmedida e invisibilizada pelo silêncio e omissão de testemunhas, pela hipocrisia e pelo preconceito mascarado de alguns, na maioria das vezes é explícita e aterrorizante, e é refletida através do primado do controle da “moral e dos bons costumes” que se verificou no Estado de Exceção instaurado no golpe militar de 1964. Como ocorre em períodos autoritários, esse traço moralista e normativo passa a marcar constitutivamente a forma de interações. Observamos de um lado, os preconceitos tradicionais, de outro, uma cultura mandonista, violenta e moralista, e no meio, esmagado, a supressão do estado de direito e liberdade, gerando condições favoráveis às práticas em termos de direitos civis e da dignidade da pessoa humana (RODRIGUES, 2014).

Em “Terça-feira gorda”, essa perseguição através da sociedade homofóbica objetiva a morte efetiva do relacionamento dos amantes e, torna a praia um cenário para a violência física e moral sofrida pelas protagonistas. O escritor gaúcho consegue retratar o preconceito contra os dissidentes sexuais e os homossexuais masculinos dotados de estilo de gênero e atitudes dissonantes através da crescente hostilidade perpetrada pelos foliões durante toda a festividade. Esta violência, inicialmente apenas verbal, começa a partir do momento em que os dois rapazes começam a se acariciar, no trecho:

“[...] Passou a mão pela minha barriga. Passei a mão pela barriga dele. Apertou, apertamos [...]. [...] Ai-ai, alguém falou em falsete, olha as loucas, e foi embora. Em volta, olhavam. [...] Veados, a gente ainda ouviu, recebendo na cara o vento frio do mar [...]” (ABREU, 2005, p. 57-58).

No entanto, a agressão logo passa a ser física como no trecho mencionado anteriormente, e também na passagem:

“[...] Nos empurravam em volta, tentei protegê-lo com meu corpo, mas ai-ai repetiam empurrando, olha as loucas, vamos embora daqui, ele disse. E fomos saindo colados pelo meio do salão, a purpurina da cara dele cintilando no meio dos gritos” (ABREU, 2005, p. 58).

As palavras desferidas pelos agressores do baile de carnaval “Loucas” e “Veados” contra os dois indivíduos *queer* e diante deles, evidenciam a percepção equivocada e preconceituosa da homossexualidade pela sociedade heteronormativa e traz à tona a noção de biopoder foucautiano, que diz:

“a morte  
do outro, a

(83) 3322.3222  
contato@generoesexualidade.com.br  
www.generoesexualidade.com.br

morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a vida em geral mais sadia, mais sadia e mais pura” (FOUCAULT, 2005, p.305).

Neste sentido, a palavra “Pura” é uma denúncia não apenas a posição da ideologia heterossexual, mas também reforça a impureza, a heterogeneidade, a não aceitação das personagens homoafetivas, tornando-os sujeitos marginalizados. Conforme Rodrigues (2014), com a finalidade de empurrar os indivíduos *queer* para guetos e suas territorialidades, espaços de interação sociossexual para indivíduos do mesmo sexo, que buscavam apenas a sociabilidade homossexual no Brasil, o estado impunha uma política de intensa repressão e a sociedade opressora aplicava nos grupos de homossexuais masculinos suas frustrações, violência e intolerância durante o regime militar.

Para Marques Filho e Camargo (2007), o discurso homofóbico apresenta o homossexual como uma espécie de criatura contraditória e intolerável, pois é, ao mesmo tempo, um ser que está adaptando-se socialmente, uma espécie de ser antinatural e que representa o fracasso moral e, sobretudo, um pervertido sexualmente.

Reforçando essa leitura, os fatos narrados no conto transcorrem em uma ‘terça-feira gorda’ referência ao último dia em que os cristãos podiam cometer excessos antes da Quaresma, um período de jejum tanto de sexo, quanto de todos os tipos de festividades. O carnaval, por sua vez, é uma época em que há uma tolerância para a flexibilidade de identidades, para a prática de pequenas loucuras e transgressões dos limites entre o sagrado e o profano, porém essa narrativa é um exemplo de que mesmo num período em que tudo é permitido, ainda existem pessoas hipócritas e inconformadas com a postura que as personagens *queer* adotam (FRANCO JÚNIOR, 2000).

Em relação a essa contradição verificada entre o título do conto e a história da narrativa, Franco Júnior (2000) ressalta que o carnaval, período de clímax da alegria e do desejo, de extravasar e exteriorizar tudo que está guardado, torna-se, no conto, um sinal de uma ironia e da hipocrisia social, culminando num final amargo e triste para as personagens homoafetivas.

Final este gerado pela intolerância repressiva e dissimulada, manifestada na festividade popular, por meio de uma sociedade que celebra a festa profana e que é a mesma que reage violentamente quando, por alguma razão, os indivíduos *queer* ultrapassam os limites estipulados pela sociedade heterossexista, tornando-se bodes expiatórios para a exteriorização da violência mascarada dessa mesma sociedade homofóbica. Sobre esse contrassenso, é ressaltado que:

“[...] a sociedade que celebra o Momo é a mesma que, ambivalente com a identificação de limites, reage violentamente quando, por alguma razão, os limites tornam-se claros” (FRANCO JÚNIOR, 2000, p.92).

Apesar de “Terça-feira gorda” ser uma narrativa que aborda o envolvimento de dois rapazes num dia de carnaval, o que prevalece e se resalta no conto é a frustração das personagens homoafetivas perante as atitudes das pessoas que testemunham o acontecimento. Um detalhe merece atenção na passagem inicial e praticamente em toda a narrativa, e que vem corroborar o entendimento com a perspectiva da teoria *queer*, no que concerne à valorização do corpo e o desejo carnal entre as protagonistas. Assim, neste sentido, os indivíduos *queer* neste conto vêm romper com o projeto autoritário e excludente de uma sociedade heteronormativa e tentam promover um modelo de inclusão social, em que “Terça-feira gorda” assegura tais pressupostos na medida em que o desejo, o envolvimento homoafetivo e a prática sexual homoerótica são pontos estimulados por sujeitos de mesmo sexo. Com isso, eles rompem com as normas sociais de convenção e se colocam contra prerrogativas autoritárias e sexistas (SILVA; SILVA, 2012).

No trecho:

“Tiramos as roupas um do outro, depois rolamos na areia. [...] A gente foi rolando até onde as ondas quebravam para que a água lavasse e levasse o suor e a areia e a purpurina dos nossos corpos. A gente se apertou um contra o outro. A gente queria ficar apertado assim porque nos completávamos desse jeito, o corpo de um sendo a metade perdida do corpo do outro. Tão simples, tão clássico. A gente se afastou um pouco, só para ver melhor como eram bonitos nossos corpos nus de homens estendidos um ao lado do outro, iluminados pela fosforescência das ondas do mar. Plâncton, ele disse, é um bicho que brilha quando faz amor. E brilhamos” (ABREU, 2005, p. 59).

Segundo esse último excerto, os corpos independentemente de características biológicas e fisiológicas são zonas erógenas de sensualidade e de prazer e não há qualquer critério de preferência estabelecido. As personagens *queer*, afora isso, procuram descobrir novos usos para o corpo, de modo que cada um possa estabelecer suas próprias combinações. E assim, por desobedecerem às normas sociais impostas, relacionando-se em dois ambientes públicos, numa festa e na praia, externando práticas e ideias sexuais que não se conformam aos padrões morais vigentes, sofreram com a manifestação de preconceitos homofóbicos.

O conto culmina na violência física e psicológica sofrida pelos protagonistas e termina com um assassinato, apesar de toda a narrativa poética na voz do narrador-personagem. Os empurrões, chutes e pontapés seriam índices de agressão física, a forma como os demais indivíduos fazem referência aos dois “ai-ai”,

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

“as loucas”, “veados” se traduziria em violência psicológica e agressão verbal. Em ambos os casos, tem-se a homofobia explicitada pela utilização covarde da violência física ou psicológica para forçar os indivíduos sociais a cumprirem com a fidelidade ao heterossexismo, punindo-os com a humilhação, a violência e a morte contra qualquer gesto que pode ser considerado como uma falta à moral e aos bons costumes de uma sociedade homofóbica.

Ainda na contemporaneidade, a homossexualidade “continua a ser encarada como uma perversão por muitos heterossexuais, isto é, como especificamente não-natural e a ser moralmente condenada” (GIDDENS, 1993). O que incide aos dois rapazes é uma condenação moral, marcada pela censura e pela desaprovação da sociedade como fica bem expresso na narrativa.

O final melancólico e dramático da história de ‘Terça-feira gorda’, apesar de receber do narrador uma nova configuração poética, só vem confirmar a derrota para uma sociedade homofóbica, que independente do gênero, da sexualidade ou da formação identitária, não dá direito a ninguém a maltratar ou matar quem quer que seja. Neste conto, Caio Fernando Abreu evidencia o comportamento discriminatório e repressivo das pessoas, ao se depararem com um relacionamento homoerótico, predominantemente homoafetivo, e esse preconceito, se levarmos em consideração que o conto foi publicado na década de 80 e tentarmos justificar, deriva também da falta de amadurecimento da sociedade daquela época em relação à homossexualidade e suas vertentes. Acredita-se que nesses últimos trinta anos houve uma mudança, porém ainda tímida, dos costumes e da mentalidade social, havendo uma melhor interação entre os indivíduos *queer* e os demais grupos sociais, retirando-os da marginalidade onde a hipocrisia e o preconceito de algumas pessoas os colocavam.

## Conclusões

A proposta da pesquisa aqui apresentada pressupunha uma análise, sob o viés do homoafetividade. Em termos de linguagens, o homoerotismo e a homoafetividade se manifestam através do desejo dos corpos, numa poética do olhar, na insinuação de formas, na dança dos gestos e na possibilidade do encontro e na consumação do ato sexual. Neste sentido, este artigo buscou analisar a narrativa homoerótica contemporânea brasileira por meio do conto “Terça-feira gorda”, de Caio Fernando Abreu. No entanto, não nos propomos esgotar o tema, mas apresentar uma contribuição de leitura sob a perspectiva *queer* da obra em foco, diante de tantas outras leituras, que foram feitas sobre a questão do homoerotismo e da homoafetividade

como temáticas, nas obras do escritor, em especial no conto que contemplamos no *corpus* desta pesquisa.

A análise de “Terça-feira gorda” permite que se estabeleçam algumas linhas gerais que caracterizam a produção de Abreu no que tange às categorias de sexualidade e gênero, em que os indivíduos *queer* são colocados em destaque frente às temáticas constantemente enfocadas. A narrativa destes contos é tomada por subjetividades que representam um amplo quadro em que questões relativas à sexualidade, gênero ou formação identitária escapam dos modelos heteronormativos socialmente legitimados. O autor ataca qualquer sistema ideológico que pode marginalizar as diferenças ou que pode excluir o sujeito que deseja se realizar emocionalmente ou sexualmente conforme suas próprias escolhas em um período ditatorial. Portanto, os contos surgem como proposta para se refletir sobre uma sociedade sexista e preconceituosa que ainda ostenta bases e estruturas autoritárias.

Dentro da atmosfera construída pela linguagem do autor, pode-se concluir que o conto trata da homossexualidade de forma distinta de outras narrativas, mas complementar, e com várias intersecções entre as histórias. A homoafetividade é explicitada, assim como a violência, e a existência dela é opressora por si só.

A sexualidade, o desejo, os sentimentos mais íntimos, que pertencem ao âmbito privado, deveriam ser irrelevantes para a vida pública, porém, na sociedade contemporânea em que vivemos, a linha que separa a intimidade do que é privado e do que é público está cada vez mais tênue e sem valor, pois não há alteridade, não sendo respeitado o indivíduo, independente da condição sexual do sujeito, seja ele *queer* ou não. “Terça-feira gorda” funciona então como um retrato desses contrapontos, dos sentimentos privados em relação aos lugares públicos e como o preconceito social ainda poda a forma de externá-los e explicitá-los, representados de maneira ampla e complexa dentro desse conto de Caio Fernando Abreu.

## Referências

- ABREU, Caio Fernando. **Morangos mofados**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- BESSA, Marcelo Secron. Prefácio. In: ABREU, Caio Fernando. **Melhores Contos**. São Paulo: Global, p.5-10. 2006. (Coleção melhores contos).
- BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (orgs.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3 ed. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2009.
- CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- COSTA, Mireile Pacheco França. **Morangos Mofados, de Caio Fernando Abreu: o viés homoerótico na tangência conto/romance**. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica de Minas. 125p., 2008.

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

- FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. **Configurações do desejo homoerótico na contística brasileira do século XX**. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade), Universidade Estadual da Paraíba. 201 p., 2012.
- FERREIRA-JÚNIOR, Nelson; BORA, Zélia. Itinerários homoeróticos na obra de Caio Fernando Abreu. **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários**, v. 18, p. 109-117, out. 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: Curso no Collège de France (1975-1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Intolerância tropical: homossexualidade e violência em “Terça-Feira Gorda”, de Caio Fernando Abreu. In: **Expressão**, n. 01. Santa Maria, 2000, p. 91-96.
- GARCÍA, Paulo César Souza. Imagens do Homoerotismo na Ficção Contemporânea. XIII Congresso Internacional da ABRALIC-Internacionalização do Regional, Campina Grande, **Anais**, p.1-10, jul., 2013.
- GIDDENS, Anthony. Experiências do cotidiano, relacionamentos, sexualidade. In: **As transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- KRÜGER, Cauê. Impressões de 1968: contracultura e identidades. **Acta Scientiarum**. Human and Social Sciences, Maringá, v. 32, n. 2, p. 139-145, 2010.
- LEAL, Bruno Sousa. **Caio Fernando Abreu, a metrópole e a paixão do estrangeiro**: contos, identidades, e sexualidade em trânsito. São Paulo: Annablume, 2002.
- LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer – Uma política pós-identitária para a educação. In: **Estudos Feministas**. Vol. 9, nº 2, p. 541-553. 2001.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho** – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- MARQUES FILHO, Adair; CAMARGO, Flávio Pereira. Identidade homossexual e homoerotismo em “Terça-feira gorda”, de Caio Fernando Abreu. **Revista OPSIS**, v.7, n. 8, 2007.
- PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Unesp, p. 291-326, 1992.
- PORTO, Luana Teixeira. **Morangos Mofados, de Caio Fernando Abreu**: fragmentação, melancolia e crítica social. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 162 p., 2005.
- RODRIGUES, Rita de Cassia Colaço. De Denner a Chrysóstomo, a repressão invisibilizada: as homossexualidades na ditadura. In: **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. James N. Green, Renan Quinalha (Orgs.). São Paulo: EdUFSCar, 2014.
- SILVA, Alexander Meireles da. A identidade homoerótica na modernidade líquida: os monstros marinhos de Caio Fernando Abreu. **Revista Estação Literária**, Londrina, Volume 13, p. 147-160, jan., 2015.
- SILVA, Veridiana Mazon Barbosa da; SILVA, Alexander Meireles da. Caio Fernando Abreu e as identidades pós-modernas em “Terça-feira gorda” e “Aqueles dois”. **Revista Rascunhos Culturais**, Coxim-MS, v.3, n.6, p. 183-199, jul./dez., 2012.